
MODERNIDADE: PROCESSOS DE RACIONALIZAÇÃO, PORÉM PLURALISMO RELIGIOSO.

Leandra Bento da Silva.

Mestranda, Ciências Sociais. UFCG.

leandrabento@yahoo.com.br

Introdução

Neste contexto de modernidade é apresentado a nós pesquisadores de religião, o desafio de problematizar uma realidade na qual aparece uma diversidade de religiões, onde as instituições religiosas deixam de orientar, de maneira totalizadora, as condutas de vida dos indivíduos, existe agora um trânsito religioso, que se figura como alternativas de solução diante das aceleradas transformações e problemas inerentes à modernidade.

Grande número destes indivíduos agora bricolam em suas representações, idéias de vários credos. Não orientam sua conduta apenas pelos preceitos de uma instituição religiosa, mas baseando-se em diferentes perspectivas, orientam “individualmente” as suas condutas, trazendo o culto, também, para o espaço doméstico. Realidade que se “enquadra” dentro de um debate, que também é preocupação do importante sociólogo Max Weber, quando este se debruça sobre os processos de racionalização pelos quais passa a sociedade moderna e, por conseguinte, a religião, passando por um *desencantamento*.

Desta forma, observando que ao contrário do que muitos teóricos da modernidade afirmavam, a religião não desapareceu com o avanço da racionalização, não deixou de ser importante na vida social, porém assume outras características que precisam ser problematizadas, para que os nossos estudos possam ajudar a sanar dúvidas e incompreensões das sociedades em que vivemos. E no espaço do nosso artigo, tentaremos contribuir nesta direção, refletindo em torno dessa modernidade que ao mesmo tempo em que possui processos de racionalização, também apresenta uma pluralidade de credos.

Religião e modernidade

Religião e modernidade possuem uma relação que inicialmente nos parecia paradoxal, nos parecia em virtude de que muitas discussões e teorias levavam a pensar em um processo onde a racionalização faria perecer a religião. Como nos mostra, entre outros importantes teóricos, o interessante trabalho de Danielle Hervieu-léger em *O peregrino e o convertido. A religião em movimento*, ao problematizar e buscar compreender, sobretudo, as suas conseqüências, o rico movimento da religião na França na modernidade:

Durante muito tempo sem ter clareza a respeito desse objeto do qual ela constatava e acompanhava o aniquilamento social, ao mesmo tempo em que se impunha a todos os fronts uma modernidade definitivamente a-religiosa, a sociologia das religiões viu-se totalmente sacudida ao descobrir na virada dos anos 1970, que esta modernidade secular, supostamente governada pela razão científica e técnica, era, também ela uma nuvem de crença. (...) Ocupados durante anos em analisar o fim de um mundo religioso herdado do passado, os especialistas da sociologia religiosa se encontram, hoje, diante de novas interrogações. (HERVIEU-LÉGER, 2008:17).

Ao contrário, a religião e/ou a religiosidade é uma manifestação que podemos observar no nosso cotidiano, a religião faz parte da nossa vida, e se referindo, especificamente ao Brasil, a religião se destaca e aparece nas variadas instâncias sociais. Ela aparece não só em templos, mas também nas escolas, nos hospitais, nas ruas, “no tempo da política”, nos discursos, ou seja, em diferentes ações e representações. A religião e a religiosidade, a primeira não sendo mais totalizadora da realidade social, porém a religiosidade está por toda parte, compondo lugar importante nas diferentes maneiras de conduzir a vida. Sendo adepto ou não, se declarando crente ou não, elas permeiam o nosso modo de vida, causando adesão, repulsa, paixões e ódios.

Afastando da nossa compreensão idéias as quais apostam no desaparecimento da religião como processos inerentes à modernidade, tentemos compreender um pouco em

que consiste essa moderna religiosidade, na busca de delinear algumas considerações acerca dessa presença da religião e, ou religiosidade, que permeia o nosso modo de vida dentro de um cenário de racionalização. Portanto, pensando agora dentro de uma perspectiva sociologia que deixa de pensar a religião pelo prisma no qual estava fadada ao desaparecimento, mas pelo prisma de que a religião permanece e assume nova configuração.

A religião assume esta nova configuração diante de um processo de modernidade no qual os indivíduos colocam à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade. Ao caracterizar esta modernidade, Daniele Hervieu-Léger argumenta que no âmbito da explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas busquem responder a critérios precisos do pensamento científico, esperando que a ciência dissipe a ignorância geradora de crenças e comportamentos “irracionais”. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 31).

Neste sentido, podemos afirmar também que estamos inseridos em um processo no qual a ciência avança, querendo abarcar as diretrizes da vida, buscando, como aponta a caracterização feita por Hervieu-Léger, sobretudo, substituir a magia, tomada como o lugar da irracionalidade, muitas vezes.

Criando assim, uma dicotomia complexa para problematização; uma suposta oposição entre sociedades tradicionais vivendo sob o império das crenças “irracionais” e sociedades modernas racionais, o que nos traz à tona, grandes debates, em torno do fato de que nos perguntamos o que é tradicional e o que é moderno, e nos damos conta que não é uma dualidade estanque, fácil de ser caracterizada. Através da contribuição de vários estudos, dentre os quais podemos destacar a Antropologia, a qual se detém também aos estudos de sociedades ditas tradicionais, podemos levantar idéias que nos permitem desconfiar dessa associação direta entre sociedades tradicionais e “irracionalidade”.

Estamos falando de um contínuo, que na realidade não podemos observar separadamente, como se estas sociedades estivessem em pólos opostos bem definidos, além do fato de que, uma vez analisada essas sociedades ditas primitivas, podemos

observar uma sofisticada elaboração da vida social, por exemplo, esquemas complexos de parentesco, economia e religião, que nos afasta “rapidamente” da compreensão da existência de uma irracionalidade.

Porém, para fins de análise da sociedade moderna, recorrer a esta cisão com o mundo tradicional se configura como um recurso fundamental, com o reconhecimento da presença de um sujeito agora legislador de sua própria vida. Tendo uma particular organização social caracterizada pela diferenciação das instituições, com a dita separação entre política e religião, aspectos econômicos e domésticos, e a arte, a ciência, a moral, a cultura constituem igualmente registros distintos nos quais os homens realizem sua capacidade criativa. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 33).

Essa dita separação entre política e religião está inserida em um contexto no qual se dar o processo de laicização. No Brasil temos um Estado laico. A partir desse processo, a vida social torna-se cada vez menos submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa, ou seja, a religião deixa de abarcar de maneira totalizadora a vida social, aparece agora um sujeito que pode orientar a sua vida através de uma racionalidade, embora seja um erro afirmar que as instituições religiosas tenham perdido, ou esteja em vias de perder, toda a capacidade de contribuir na formação de identidades sociais. Escreve Hervieu-Léger:

O que é especificamente “moderno” não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são “assuntos de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 34).

Olhando para esta relação religião e modernidade, pode parecer em alguns momentos o movimento de exílio do mundo religioso, a modernidade parece excluir a

religião, porém esta relação no movimento real é bem mais complicada. As representações sociais e princípios de orientação das condutas individuais ainda são extraídos do campo religioso.

Em seu trabalho a *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, o sociólogo alemão Max Weber, ao se dedicar a investigar o processo de racionalização no Ocidente, constata que existe uma afinidade eletiva entre o desenvolvimento do capitalismo e a religião protestante. Mostra-nos o que apontamos acima; a religião em seu processo de racionalização na modernidade é utilizada pelos indivíduos para orientar suas condutas impulsionando o desenvolvimento do capitalismo.

Weber coloca a tônica na relação do puritanismo protestante e uma maneira de agir racionalmente no mundo que corresponde ao estilo da atividade econômica capitalista. Assim a busca sistemática do lucro e a disciplina do trabalho que caracterizam o capitalismo ocidental encontram um suporte espiritual favorável na inserção no mundo que resulta, ela mesma, de uma concepção teológica particular da salvação e da graça. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 35-36).

Na modernidade a religião não é excluída, como já afirmamos. O processo de racionalização acontece também na própria religião. Max Weber ao problematizar a religiosidade, em uma perspectiva histórica, aponta para as transformações ocorridas no cristianismo; *desencantamento do mundo* com o avanço das diferentes *racionalizações*. Com o processo de desencantamento do mundo surge uma ética ascética engajada no mundo em oposição à atitude contemplativa, típica do misticismo. Weber observa nesse processo, a distinção entre magia e religião, dentro de um esquema no qual a magia representa ideal-típicamente o pólo mais irracional, sendo próprio das sociedades tradicionais, e a religião o pólo mais racionalizado, presente nas sociedades modernas. (Colocamos este mais, pois Weber reconhece que no mundo vivido não podemos encontrar tipo puro de magia e nem de religião).

Desta forma, a transição de uma imagem mágica do mundo, monista, para uma imagem do mundo metafísico-religiosa, dualista, é realizada através dos intelectuais ao

introduzir idéias, que tem por base afastar toda a magia da prática e da idéia religiosa, introduzindo um racionalismo eticizado, uma prática-ética. Antônio Pierruci, estudioso da obra de Max Weber, em seu livro intitulado “O desencantamento do mundo” trabalha os 14 passos do conceito *desencantamento do mundo*, ou seja, problematiza as quatorze vezes que a sintagma *desencantamento do mundo* aparece em toda a obra de Weber. Pierruci afirma sobre os intelectuais:

Historicamente é a eles que devemos as elucubrações metafísico-religiosas, e é destas que vai resultar a visão de mundo dualista, e, porque dualista, suscetível de racionalização ética e intelectualização sublimante. No dualismo construído e proposto pelos profissionais da religião, a superioridade e a autonomia do “mundo superior” são progressivamente exponenciadas em sua própria lógica até se tornarem absolutizadas. (...) O dualismo religioso intelectualizado produzido pelo intelectualismo religiosamente interessado primeiro se põe a separar “este mundo” do “outro mundo”, a afastar o “além” do aqui embaixo, a descentrar (piagetamente falando) o “sobrenatural” do natural, e vice-versa. (PIERUCCI, 2003: 72-73).

Na sociedade moderna ocorrem diferentes processos de racionalização, entre eles o vivenciado pela própria religião. Quanto a esses processos de racionalização escreve Weber:

Esses parecem ter um efeito de separação generalizada: na economia, entre trabalhadores e meios de produção; na política, entre funcionários e meios de administração; na religião, entre os fiéis e os meios de acesso ao sagrado, com a criação de uma hierocracia que monopoliza a administração da igreja (WEBER, 1982: 199).

Assim, neste movimento da passagem de um mundo mágico para um mundo orientado por uma ética religiosa na qual existe outro mundo, a religião mantendo sua importância, mesmo em um mundo moderno, permite o surgimento de um sujeito

autônomo, agindo racionalmente sobre o mundo, sujeito este que no protestantismo ganha maior ênfase.

Quanto a este sujeito autônomo, Hervieu-Léger faz uma longa argumentação. Questão que mobilizou diversas reflexões filosóficas, históricas e sociológicas, que demonstram principalmente a contribuição do judaísmo e do cristianismo para a emergência da noção de autonomia que caracteriza a modernidade.

O judaísmo ao situar a noção de aliança no centro da relação de Deus com o seu povo, apresenta o princípio da autonomia da história humana: o povo conforme é ou não fiel à aliança, tem em suas mãos a decisão de seu futuro. Toda a história do povo de Israel, tal como representada pela Bíblia, é a história das lutas e das distribuições que acompanhavam a fidelidade ou a rejeição de Deus. Os profetas estão no percurso para lembrar ao povo tentado à fidelidade as implicações de sua escolha, colocando, neste sentido, em evidência a capacidade que o povo tem de conduzir, de maneira autônoma sua própria história. O Cristianismo estende a aliança à humanidade inteira, não mais somente ao povo eleito: agora a questão da fidelidade ou da rejeição está submetida à vontade de cada indivíduo. Embora a Igreja seja concebida como uma instituição mediadora entre Deus e a humanidade, a salvação pessoal oferecida a cada um depende de sua conversão. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 36).

Esta concepção religiosa de uma fé pessoal ajudou no surgimento progressivo desse indivíduo moderno, autônomo, que governa a sua própria vida. Ele quem escolhe se quer converte-se ou não, e a qual religião ou crença. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 37).

Com a modernidade, além do processo de racionalização também são instauradas crises, com as mudanças aceleradas e incertezas do futuro, a razão não consegue sanar todas as dúvidas e obscuridades da vida humana e nem dá conta dessas rápidas mudanças, não consegue, por exemplo, explicar o medo, a morte. Essa crise da razão acaba impulsionando os indivíduos a necessitarem ainda mais das práticas religiosas, dando ênfase ao mundo da magia, além de uma diversidade de religiões e crenças. Caracterizando um retorno da religião, porém dentro de uma nova configuração.

Assim, longe de reproduzir um universo religioso anterior, o fenômeno religioso traz consigo também o caráter contraditório da modernidade. As instituições religiosas, dentro de um contínuo, perdem sua capacidade social e cultural de impor e regular as crenças e as práticas. Os fiéis diminuem, eles “vão” e “vêm”, em matéria de posições morais e de crenças oficiais. Aparentemente paradoxal esta mesma modernidade oferece a um tempo de utopia e opacidade, as condições mais favoráveis à expressão da crença. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 41).

Surge então, o que chamamos de pluralismo religioso, um fenômeno semelhante à secularização associados em um mesmo processo histórico, no qual começa a surgir uma diversidade religiosa. A religião dentro da estrutura de plausibilidade contemporânea não depende de formulação institucional, é um fenômeno que quebra com a hegemonia de uma igreja oficial. Importante estudioso teórico da religião na contemporaneidade, Carlos Alberto Steil, em seu artigo intitulado, *Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso*, explica:

O pluralismo religioso é um fenômeno moderno que tem sua origem na ruptura do monopólio de uma religião como a *Igreja* oficial de uma determinada sociedade. Um monopólio que é quebrado tanto pelo avanço da “razão secular”, que se impõe através das ciências positivas, quanto pela diversificação do campo religioso, que resulta do rompimento da relação orgânica entre Estado e religião. Assim, a perda de um aparato estatal, que lhe garantia a reprodução social e a exclusividade, introduziu uma transformação estrutural que define o papel da religião na modernidade. (STEIL, 2001:116).

Portanto, a pluralidade religiosa é resultado da dinâmica moderna. As religiões institucionais hegemônicas ganham “concorrência” no mercado religioso, além da presença de várias instituições religiosas, surge uma pluralidade de crenças, os indivíduos bricolam em suas práticas traços das diferentes religiões e crenças a partir de suas necessidades pessoais. Levam o culto para dentro de seus lares, ou seja, cultua os seus deuses também fora da igreja, o que podemos apontar como configurando um processo de privatização da crença a partir de uma racionalidade “individual”.

Mas o aspecto mais decisivo desta “perda de regulamentação” aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos “constroem” seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado. (...) O significado atribuído a essas crenças e a essas práticas pelos interessados se afastam, geralmente, de sua definição doutrinal. Elas são triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico. (...) Bricolagens como essas desfazem a fronteira entre católicos e não-católicos, e mais que isso, entre aqueles que se declaram religiosos e os que não o são. (HERVIEU-LÉGER, 2008: 42-44).

Permitindo agora também a presença da religiosidade popular, tão combatida pelos intelectuais das instituições religiosas oficiais como mostra Max Weber, por haver o exercício de práticas mágicas. Por conseguinte, com a modernidade, a religiosidade popular que estava à margem ganha ênfase. Steil afirma:

Mas se as transformações do campo religioso foram decisivas para que surgisse o novo, nas suas mais variadas formas e particularidades religiosas, também permitiu que o popular e o emocional, que resistiam ao monopólio e hegemonia do sistema institucionalizado, pudesse se expressar legitimamente, saindo das margens ou das sombras. (STEIL, 2001: 117).

Diante desta configuração, as ditas grandes religiões, como, por exemplo, a católica, vê ameaçada a sua identidade, que além de se tornar mais uma alternativa nesta multiplicidade religiosa, passa por variações internas à própria religião.

Do ponto de vista das instituições religiosas, no entanto, o pluralismo surge muitas vezes como uma ameaça a sua identidade, na medida em que este significa uma perda do controle sobre os sentidos e os bens simbólicos produzidos em seu interior. Esta ameaça tem dado

origem a duas atitudes recorrentes no campo institucional: a afirmação do exclusivismo, que delimitaria o seu universo a um círculo restrito de adeptos, ou da tolerância que as abriria para a acolhida em seu interior da fragmentação produzida pela modernidade sobre o campo religioso. (STEIL, 2001: 117-118).

Estamos diante de uma configuração, na qual as buscas das pesquisas consistem em tentar compreender como parte de um mesmo movimento, o fato de que a modernidade continua a minar a credibilidade dos sistemas religiosos, e o de que novas formas de crença surgem. Como apontamos no nosso título, estamos numa modernidade em meio a processos de racionalização, porém existe uma crescente do pluralismo religioso, sendo esta justificável.

Considerações Finais

Deste modo, diante deste cenário precisamos estar atentos, como já viemos apontando no decorrer do nosso texto, ao fato de que existe um processo de secularização, mas não a perda da religião. Como nos ajuda Hervieu-Léger para entender este aparente paradoxo precisamos entender a secularização como o *conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável dos meios de satisfazê-las.* (HERVIEU-LÉGER, 2008: 41).

Estamos diante de uma diversidade de formas de compreensão do sagrado que precisam ser estudadas, demonstrando a importância da produção de textos como este. Análises neste sentido, nos ajudarão a compreender, como tentamos mostrar em nossa argumentação, que dentro de um contínuo histórico, a presença dessa diversidade de apreensão do sagrado é conseqüente, mesmo em meio ao avanço da razão através do desenvolvimento da ciência. A religião aparecendo não como um paradoxo, mas como alternativa necessária aos indivíduos. Ela ganha novos significados dentro de uma nova configuração de crises.

Referências Bibliográficas

- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: USP, Curso de Pós- Graduação em Sociologia. Ed. 34, 2003.
- STEIL, C. A. **Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso.** *Ciencias Sociales y Religión Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 115-129, 2001.
- WEBER, Max. *A Psicologia Social das Religiões Mundiais.* In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 1982.